

# A EDUCAÇÃO TECNIZANTE COMO RESULTADO DE RELAÇÕES INSTRUMENTALIZANTES

Alceu Junior Maciel<sup>1</sup>  
Joel José de Souza<sup>2</sup>

**Resumo:** A busca pelo poder e pelo dinheiro é uma característica própria do ser humano moderno. Isso é resultado da ação instrumentalizadora de uma razão que busca dominar a natureza e conseqüentemente o ser humano em todas as suas dimensões, aqui se analisa a educacional. Segundo os pensadores da Escola de Frankfurt, esta razão instrumental torna o ser humano, que na perspectiva de Kant deve ser considerado um fim em si mesmo, um meio para alcançar objetivos econômicos e de poder. A modernidade aqui é apresentada como resultado de uma racionalização do “Mundo da Vida” e, considerada um projeto inacabado, pois esta razão (comunicativa) ainda não exerce seu papel na sociedade, sendo que este é um projeto mais amplo, de comunicação e interação entre sujeitos. Ao relacionar esta problemática com a educação, se percebe a crescente formação de indivíduos técnicos e isto nem sempre é sinônimo de autonomia.

**Palavras-chave:** Instrumentalização, Comunicação, Estado e Educação.

## Introdução

A modernidade trás consigo uma carga de tecnicidade e sistematização social (além de outros), ou seja, uma forma de crescente racionalização instrumentalizante, não como uma objetivação histórica de estruturas racionais, mas além dela, outras formas tradicionais que fizeram com que se chegasse à modernidade.

Este processo de racionalização perpassa todas as esferas da sociedade, inclusive a educacional. Esta que sem a pretensão da verdade se pretende abordar neste texto. Na modernidade há uma generalização dos valores e isto leva ao desencantamento do mundo da vida, crescente sistematização, instrumentalização e tecnização de todas as dimensões da vida. No campo educacional se busca através do gerenciamento dos corpos, a humanização dos

---

<sup>1</sup> Mestre em Desenvolvimento Regional - UNC (Dissertação: Aspectos Teóricos e Conceituais hegelianos para uma Filosofia do Desenvolvimento). Possui graduação em Filosofia (Bacharelado) pelo Centro Universitário de Brusque (2005), Complementação Pedagógica em Filosofia (Licenciatura Plena) pela Faculdade Católica de Anápolis (2013), Graduação em Teologia - interrompida (2011), Membro do Grupo de Estudos em Giorgio Agamben e Grupo Interdisciplinar de Pesquisa em ciências Humana (CNPq) da Universidade do Contestado UnC - Canoinhas-SC. E-mail: [alceujuniormaciel@hotmail.com](mailto:alceujuniormaciel@hotmail.com).

<sup>2</sup> Orientador. Docente no Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC) - Campus Canoinhas. Possui graduação em Geografia pela Universidade Federal de Santa Catarina (2006), mestrado em Geografia pela Universidade Federal de Santa Catarina (2009), doutor em Geografia pela Universidade Federal de Santa Catarina (2014). Atualmente Diretor Geral do Campus Canoinhas. . E-mail: [joel.souza@ifsc.edu.br](mailto:joel.souza@ifsc.edu.br).

indivíduos pelo direito. Na contemporaneidade a necessidade é crescente em formar técnicos para satisfazer a demanda da mão de obra num país em desenvolvimento.

O conceito de desenvolvimento também trás consigo a noção instrumentalizante e coisificante<sup>3</sup> do mundo da vida. Se constitui a partir do iluminismo e culmina no positivismo moderno tendo como base a concepção evolucionista e a lei da prevalência do mais forte.

Para Habermas<sup>4</sup> (1929), é necessário deixar de lado o paradigma da filosofia da consciência, ou seja, da subjetividade, e partir para outro, o paradigma da relação entre sujeitos, da “razão Comunicativa”. Segundo Freitag (1948), com isso Habermas restabelece o conceito de “democracia”, assim como o de “razão”, permitindo a interação entre sujeitos e o “questionamento incondicional de todas as verdades aceitas”. Na sua “Teoria da Ação Comunicativa”, Habermas (1929) escreve sobre a teoria crítica de Adorno, contrapondo com sua teoria: a da comunicabilidade.

Esta pode ser um apontamento para a superação da relação instrumentalizante presente a partir do movimento iluminista para a educação. Esta deve ser pautada na comunicabilidade mediada pela linguagem a partir da interação entre sujeitos. Aqui a fala tem papel fundamental na busca pelo consenso.

O pensamento de Habermas (1929) procura transcender à forma instrumentalizante de uma razão que domina todas as esferas da realidade humana. Com isso, a modernidade iniciou seu advento. Até então, a razão humana tinha apenas um lado negativo, ditador, que submetia o ser humano à dominação e a instrumentalização. Com Habermas (1929), este lado repressivo da razão que ‘reifica’<sup>5</sup> o ser humano, é contraposta por uma “razão comunicativa”, expressa no “mundo da vida” como relação de sujeitos direcionando-os a um “fim”, que é o consenso.

Pode-se perceber que o processo educacional, pautado na comunicabilidade é o pressuposto para a autonomia, auto-conhecimento e liberdade do corpo discente. A relação professor e aluno devem ser pautados na comunicação e para que haja comunicação se deve buscar uma relação de amizade e companheirismo salvaguardando a autoridade docente que se expressa no convencimento argumentativo de dar as razões, como a do mestre que caminha junto com o discípulo, valorizando os conhecimentos que fazem parte da formação do aluno.

---

<sup>3</sup> Coisificar: Tornar coisa àquilo que não o é, ou seja, inverter a lógica dos meios e fins.

<sup>4</sup> É importante salientar a possibilidade de interpretação paradoxal na relação teórica entre Habermas e Agambem. Enquanto que o primeiro apresenta uma perspectiva teórica “otimista” na sua Teoria da Comunicabilidade como proposta de superação da instrumentalização do mundo da vida, o segundo – Agambem – representa uma perspectiva “pessimista” diante das possibilidades de saídas. Porém, como plano de fundo, ambos analisam a realidade a partir da perspectiva filosófica e com potencialidades de superação do problemas exposto.

<sup>5</sup> Tornar o humano objeto.

Neste texto não se tem a pretensão da verdade absoluta, mas sim a tentativa de apontar caminhos para um processo educacional que supere a lógica instrumentalizante da contemporaneidade e possibilite o desenvolvimento social e pessoal pautado na comunicabilidade como pressuposto da ação educacional que forme indivíduos livres e capazes de pensar por si e, isto vai além do simples fazer técnico, mas sim, que sejam capazes de se perguntar do porquê fazer, de qual é a finalidade do que se está sendo feito e se, isto que se está sendo feito, deve ser ou não realizado.

### **Razão Instrumental e Técnica**

Na atualidade, poucas são as possibilidades de superar o processo de modernização que se caracteriza pelo processo de tecnização do mundo da vida e se manifesta na sociedade através de processos históricos compatíveis com os tempos atuais. Isto impacta profundamente todas as dimensões da vida em sociedade, sobretudo a Educação. Para Kant, uma característica própria da modernidade é a “emancipação do homem”.

Também se pode observar que a condição de superação do misticismo medieval e da condição de inércia de um indivíduo, assim como de um povo, pode ser alcançado pelo processo de racionalização. A possibilidade de superar a “menoridade”, ou seja, ir além das condições impostas pela infância – de dependência, no caso das crianças, dos pais, e dos adultos da religiosidade no período medieval e na modernidade como processo de secularização do próprio Estado que se apresenta como aquele que pode suprir todas as necessidades dos indivíduos.

Outro aspecto que pode ser analisado a partir da reflexão de Brüseke é a noção de individualidade, autenticidade e auto-realização. O primeiro conceito surge apenas na modernidade como resultado de um processo de superação religiosa, ou seja, este termo surge a partir da Reforma Protestante e é cunhado a partir da relação direta a Deus, sem que haja um mediador. Neste caso específico apenas o indivíduo poderá prestar contas diretamente a Deus de seus atos. Aqui se percebe um processo de racionalização das relações, já que todos poderiam ter acesso à divindade. Antes disso, a condição identitária da constituição de pessoa se dava num grupo ou comunidade tendo mediadores na relação com Deus, ou seja, o líder religioso.

Na modernidade, com o advento da razão, a noção de indivíduo passa do religioso para as demais dimensões da sociedade, culminando na contemporaneidade. Atualmente cada pessoa se entende como indivíduo e se relaciona de forma individual. Isso possibilita a noção

de autenticidade que é resultado da racionalização com a individualidade. O termo auto-realização trás consigo grande bagagem do processo de individualização e autenticidade, pois a noção de autenticidade está diretamente relacionado a de indivíduo realizado, ou ainda, auto-realizado, ou seja, que se realiza *per si*, excluindo, com isso, não totalmente mas diretamente a idéia de necessidade relacional entre indivíduos para a própria realização.

Sendo assim, o sistema educacional contemporâneo precisa responder às necessidades da sociedade de seu tempo. Neste constructo, a possibilidade dos sistemas educacionais tornarem os indivíduos contemporâneos autênticos e realizados é mínima, pois ao enquadrar a educação num sistema há a universalização e não se trata cada aluno como indivíduo, dito de outra forma, não se valoriza a bagagem de conhecimento que o aluno trás consigo, considerando-o alguém que está diante do sistema e deve ser formatado e formado para satisfazer as necessidades da sociedade em desenvolvimento.

Este conceito – desenvolvimento – está intimamente ligado ao de progresso e evolução, ambos surgem após o Iluminismo. Analisando-os, se percebe o peso de tecnicismo e instrumentalização do mundo que fazem parte da conformação histórica dos mesmos. O Iluminismo foi um movimento filosófico que se propôs superar mil anos de trevas – diga-se de passagem, resultado da reflexão dos próprios iluministas – e buscaram saídas retornando ao mundo dos gregos antigos.

Como resultado da racionalização crescente do mundo da vida, surge o positivismo como método de se fazer ciência. Este busca resultados lógicos num mundo ilógico. Também busca resultados a partir do empírico, ou seja, do que pode ser analisado fisicamente. O progresso é resultado da dissecação da natureza e do humano. O progresso econômico é consequência desta relação entre indivíduos – que nem sempre são realizados – e destes com a natureza. Entre estas se encontra um sistema educacional que orienta na direção do progresso, do crescimento econômico, da lucratividade e considera desenvolvimento como sendo o resultado positivo desta inter-relação instrumental.

Como resultado disso – da dissecação do mundo da vida e das pessoas – se tem a necessidade de sobreposição de um país em relação aos outros, quando não há acordos há guerras. Também a relação interpessoal se reduz, nesta perspectiva progressista, como possibilidade de ganhos, que na visão evolucionista impera a lei do mais forte, ou seja, o mais forte prevalece e continua a existir, esta é a lei da natureza, que não deveria permanecer, já que se afirma uma sociedade de iguais com direitos e deveres.

Na relação de mercado a busca de atingir um alto índice de consumidores para seus produtos faz com que empresas invistam em propagandas, fazendo do ser humano um “meio”

para se chegar ao lucro, possibilitando a realização do projeto de instrumentalização de uma razão que prevalece. O sistema econômico cria necessidades para possibilitar oportunidades de mercado, fazendo girar a lógica de produção e consumo, isto em alta escala e esta relação atinge o processo educacional.

Segundo Goergen (2005) na contemporaneidade se vive uma dicotomia, nas palavras do autor:

A ciência e a tecnologia, dois cavalos de batalha do Iluminismo conduziram a carruagem do mundo ocidental, a par dos lugares de confronto e bem estar, à beira dos abismos assustadores das dicotomias individuais e sociais em que segurança e fragilidade, conhecimento e ignorância, riqueza e pobreza, saúde e doença, opulência e miséria, vida e morte coabitam lado a lado. (GOERGEN, 2005, p. 6)

Este resultado iluminista possibilitou avanços e retrocessos. Avanços para poucos que possuem condições sócio econômicas alcançar os resultados do progresso, enquanto que outros permanecem na obscuridade da contemporaneidade que se pôs a partir da modernidade como luz para o mundo. A deusa razão assume as rédeas da sociedade e o destino desta passa a ser traçado pelos seus resultados que são o progresso científico, econômico num contexto evolucionista, o da prevalência do mais forte, como resultado surgem tais dicotomias. Isto se relaciona diretamente com a educação, enquanto deveria ser o processo de auto realização, conhecimento e liberdade, se torna mecanismo de controle.

Outro resultado dessa relação progressista é a educação como mercadoria. Em outras palavras, a educação - como técnica - se tornou objeto de compra e venda, fazendo girar a economia de mercado educacional tecnicista. Nem sempre – quase nunca – estes sistemas estão interessados em tornar os indivíduos autônomos, críticos ou que possibilitem autoconhecimento, sendo este o pressuposto para a liberdade de pensar e agir, mas torná-los peças das engrenagens dos sistemas sociais, fazendo deles próprios, peças e a sociedade dependentes de tais materiais.

Segundo Goergen:

[...] cada escola é uma organização única e cada uma deve aprender a aprender segundo seus próprios recursos e horizontes. O que se pretende assim é uma administração de rosto humano que se apresenta como um sábio colaborador do usuário. A valorização e a responsabilização das escolas criará um cenário fragmentado em que algumas escolas serão mais e outras menos competentes. Segundo as leis do mercado, estas últimas teriam que fazer esforços para se aproximar das primeiras para não perderem sua cota no mercado. A escola torna-se uma instituição e a educação um produto de mercado. Enfim, educação torna-se mercadoria e como tal, sujeita a todas as leis do mercado. Nisso perde-se novamente, o rosto da educação que era entendido. (GOERGEN, 2005, p. 76)

Na perspectiva de Habermas (1921), o projeto da modernidade será completo apenas quando houver a supremacia da razão comunicativa sobre a razão instrumental. No campo da

educação, diante do que se tem atualmente, é claro a prevalência da racionalidade instrumental como àquela que dita as regras a partir da modernidade.

Pensar a educação na perspectiva comunicacional é possibilitar o aprendizado através da interação entre sujeitos mediada pela linguagem e da fala. E isto não acontece, pois não é possível afirmar que os sistemas educacionais, na sua maioria, possibilitem aos educandos emancipação intelectual, propriedade no que dizem, qualidade argumentativa, rapidez de raciocínio, qualidade na escrita, autonomia e criticidade.

Certamente é preciso diferenciar os diversos processos, já que em algum lugar possa existir sistemas educacionais que superam estas limitações que são resquícios iluministas, pois universalizar incorre ao erro. Os projetos educacionais que ainda guardam a noção emancipatória da razão técnica e instrumental, certamente não levarão os indivíduos inseridos neste processo à liberdade e ao autoconhecimento como resultado formativo, mas sim a indivíduos tecnizados, capazes apenas de efetuar àquilo que são programados.

### **Ser humano moderno essencialmente técnico**

O ser humano moderno como resultado de experiências da técnica possibilitou, entre outras atrocidades, a destruição através de projetos militares, facilitando massacres e destruindo o próprio ser humano. Um exemplo clássico é a “Bomba Atômica”, com alto poder de destruição. Pode-se afirmar uma dimensão tecnológica também na filosofia, devido a sua forma de vida, suas ações determinadas pela técnica. Antes de usar a filosofia somos influenciados na forma de pensar e isto é resultado do processo educacional.

Segundo Oliveira (2001), quando se fala em técnica não se refere em primeiro lugar à técnica aristotélica como uma das maneiras de realização do homem (enquanto *poiésis*), mas procura-se analisar o modo de ser do homem moderno, que hoje se tornou a “forma” de ser da civilização ocidental. Deixemos de lado, as relações entre técnica moderna e o mundo grego, para nos concentrar exclusivamente na interpretação do fenômeno moderno. Técnica é antes de tudo, um modo determinado de relacionamento do homem com o mundo, mais concretamente ainda a forma concreta segundo a qual o homem moderno encontra-se na realidade (OLIVEIRA, 2001, p. 74-75).

Para Oliveira (2001), uma característica própria do homem moderno é a sua capacidade de “pôr todas as coisas contra si (diante de si, enquanto as transforma em objeto, delas dispondo para sua auto-realização no mundo)”, supondo a interação do ser humano “no contexto universal da realidade”, e o “domínio da realidade, o torna distinto do ser humano antigo.

Brüseke (1954) faz uma análise de uma “modernidade como essencialmente técnica”:

Difícil, embora não impossível, contestar os paradigmas da modernidade com sua razão centrada no sujeito, sua racionalidade e cientificidade, seu clamor pela igualdade, liberdade e justiça, seu humanismo e sua moralidade universal, sua valorização do direito, da ordem e do progresso da humanidade. Pois estes paradigmas da modernidade representam um amálgama de restos da consciência moral crista, de um individualismo nascente buscando segurança institucional, e novas formas racionalizantes de pensar o mundo – e o homem no mundo. No século XVIII, o progresso era entendido como algo que envolve as virtudes do homem (para não dizer sua alma), enquanto no decorrer do século dezenove assistimos a uma “materialização” deste entendimento. Misteriosamente, agora os seres vivos tendem para a evolução de espécies mais aptas para o struggle for life, a organização biológica como fator social progride de sua forma mais simples para uma cada vez mais complexa. Do micróbio ao cérebro humano, da sociedade tribal primitiva à civilização inglesa e francesa: progresso por todos os lados (BRÜSEKE 2001, p.163).

Portanto, percebe-se claramente a noção de “desenvolvimento” pautado na concepção instrumentalizante como resultado da secularização dos valores cristãos. Cada vez mais, a ciência caminha em direção ao desconhecido, problematizando a forma de interpretar a realidade, gerando um campo vasto de trabalho para a ética, bioética e moral.

Ao descrever sobre “técnica”, Brüseke (1954) concebe-a como “essência” do capitalismo, levando em consideração o que Weber analisa como o “espírito do capitalismo”.

Segundo o autor:

[...] a novidade da análise sócio-econômica de Marx, não era ter mostrado o caráter imoral ou exploratório da sociedade, contemporânea à humanidade até então, sempre auto-organizou-se em formas injustas e exploratórias. A contribuição de Marx era ter destacado o papel das forças produtivas no processo histórico. Estas forças produtivas, também quando envolvem o trabalho e a organização humana, são técnicas. Acontece que Marx nos diz que a essência do capitalismo é a técnica, mas nem sequer pergunta o que é a essência da técnica (BRÜSEKE, 2001, p.164).

Analisando a realidade, que para Oliveira é a manifestação da objetivação e autoafirmação do sujeito, se percebe o alto grau de tecnicidade na qual o ser humano moderno está inserido. Pode-se caracterizar o “mundo moderno” como sendo “essencialmente tecnológico, a cultura moderna é tecnológica, ou seja, a técnica é a atitude fundamental do homem com relação a seu mundo” (OLIVEIRA, 2001 p. 79-80).

Atualizando esta questão (não que seja ultrapassada) se vê a influência direta do “sistema econômico” na vida social humana. Um exemplo é a busca pelo “controle do mercado Financeiro” e a busca de estabilidade econômica, dando “alma” - no sentido de dar vida, autonomia a algo inanimado. Um exemplo disso é a afirmação ouvida com certa frequência: “Precisamos acalmar o mercado”. Isto passa uma ideia de dominação do “mercado” em relação ao ser humano, dito de outra forma, o mercado assume a condição existencial do ser, enquanto que dita as regras do mundo contemporâneo.

A função da economia é de facilitar o cotidiano da humanidade, mas a partir do momento em que o “sistema econômico” passa a influenciar diretamente no modo de vida do ser humano, o “meio”, que possibilitava uma melhoria na qualidade de vida, passa a exercer um papel “instrumentalizador”, onde todas as atenções se voltam não para o ser humano, mas para o sistema. Isto Habermas chama de “Colonização do Mundo da Vida” (HABERMAS, 1987b, p. 488). Mas, também se pode considerar um lado positivo da técnica, segundo Brüseke:

“Entre o progresso necessário e a auto destruição necessária abre-se o campo da reflexão e da comunicação social e finalmente a chance de um agir diferente. Começa também a busca de um desenvolvimento técnico compatível com os novos valores, premeditados inter-culturalmente e inseridos na Ação Comunicativa global (2001, p.167).

A partir daí, a técnica não assume apenas um modo instrumentalizante, mas como uma forma de aproximação do homem com a natureza, segundo Brüseke (1954), como uma forma de “desocultamento” do ser, aproximando-se de Heidegger. Desocultar o ser significa sempre deixar algo no escuro, “o ser nunca se revela na sua plenitude” (BRÜSEKE, 2001, p.168).

Aqui se apresenta o lado positivo da técnica, como forma de conhecer o que ainda não foi descoberto. Para Brüseke (1954), o ser humano “sentindo sua inferioridade, suas limitações cognitivas e sua impotência prática colocavam frequentemente “taboos” frente aos segredos do mundo” (BRÜSEKE, 2001, p 167), como forma de regular e proteger-se dos perigos que poderiam surpreendê-los.

A passagem da técnica, de um nível que ajudava situar o homem melhor no seu mundo e no seu tempo, para um nível que indica a saída do homem do seu mundo e do seu tempo foi lenta. A tesoura do tempo de vida e do tempo do mundo (Blumenberg, 1986) abriu-se sem aviso cada vez mais. Hoje dispomos sobre uma técnica que tende a ultrapassar não somente o horizonte, mas todos os limites como se fosse o horizonte geográfico. E ela acessa o universo acompanhado por cientistas e técnicos que tratam este empreendimento como se fosse à preparação da descoberta das Américas.

Estes cientistas e técnico são o resultado do tempos atuais. Durante o auge da modernidade, no período das atrocidades cometidas na segunda grande guerra mundial, os cientistas e técnicos tiveram função e papel fundamental no processo de dissecação dos corpos passíveis de serem esquartejados, a dos muçulmanos de Auschwitz, um dos grandes campos de concentração nazista.

Pode-se dizer que muitos ainda não perceberam as mudanças que aconteceram na passagem das ferramentas e instrumentos de trabalho para a técnica moderna. A técnica moderna deixou, a muito, de ser um mero meio. Nós pensamos tecnicamente, supondo que este mundo deixa-se reduzir àquilo que denominamos matéria (BRÜSEKE, 2001, p.169).

Segundo Brüseke (1954), na modernidade há a predominância da “racionalidade de fins”, ou seja, a “razão instrumental”, que se desenvolve sem delinear uma direção ou limites. Neste contexto se desenvolve a modernidade, presente em nossos dias. A “razão Comunicativa” de Habermas (1929) aparece como a reintegradora da ação na sociedade atual e como condição para a possibilidade de superação desta também no campo educacional.

Segundo a filósofa e politóloga Hanna Arent, houve uma banalidade das engrenagens da máquina nazista. O sistema nacional socialista de Hitler elevou ao extremo o processo de tecnização das relações. Adolf Eichmann, pertencente ao alto escalão do regime nazista, foi visto como uma pessoa normal pela filósofa, contrariando as denominações demoníacas que a ele se referiam. Ele apenas cumpria ordem, como Eichmann mesmo afirmou em seu julgamento. Onde está a maldade em cumprir ordens? Onde está a culpa do carrasco que mutilou e matou milhares de pessoas?

No entanto, a pensadora passa a refletir sobre o tipo de maldade que se estabeleceu a partir do momento em que Hitler assume o poder e passa a comandar a Alemanha. A técnica era a máxima almejada e posta em prática. A busca era por dominação e instrumentalização do mundo e das relações.

As práticas de eugenia idealizadas para a conformação da criação do ser humano perfeito aos padrões científicos possibilitaram de forma legal o aniquilamento de vidas alheias ao padrão vigente. O que se percebe na atualidade é a eliminação – quando não há a inserção destas no mundo do consumo através de políticas públicas - de vidas desprovidas de valor diante do sistema hegemônico, onde a relação entre indivíduos acontece em conformidade com as capacidades produtivistas e consumistas.

### **Estado, Educação e Campo de Concentração**

Com o advento da razão e a exacerbada instrumentalização e tecnização do mundo e das relações humanas, o Estado moderno assume a função de controlador das diversas esferas sociais, entre elas, o da educação. O mundo moderno é resultado da secularização das esferas religiosas, em outras palavras, na modernidade o Estado assume a função pastoral da Igreja, na perspectiva de Michael Foucault (1924 – 1984).

Os campos de concentração foram projetados e instituídos na modernidade de forma legítima, assim como todos os totalitarismos que se desenvolvem no âmago da democracia

moderna. Em nome da segurança limita-se a liberdade. Na visão de Bauman (1925) há uma relação antagônica entre estes dois conceitos, pois para manter a liberdade é necessário menos segurança, enquanto que, para que haja maior segurança é preciso reduzir a liberdade, e, quem decide é o estado soberano.

Giorgio Agamben (1942) em sua obra “O que resta de Auschwitz” relata testemunhos de sobreviventes do regime nacional socialista de Hitler. Neste livro, o autor reflete sobre a possibilidade da existência de uma “ética” pós Auschwitz, sendo este um dos maiores campos de concentração nazista. Este espaço, que é o campo, se torna o paradigma da modernidade como sistema promotor de vida destituída de sentido, no limiar da vida e da morte, despojada de sentido humano (definida pelo direito) sem se tornar divina, ou seja, vida nua – o muçulmano, o *sacer*.

Neste sentido, surge a figura do desfigurado, do muçulmano apresentado por Agamben, sendo este o prisioneiro que perde o sentido da existência e os próprios sentidos, aquele que “marca o limiar entre o homem e o não homem”, não está vivo e nem morto. “O fato segundo o qual, com respeito aos muçulmanos, não se possa falar propriamente de “vivos” é confirmado por todos os testemunhos”, alguns descritos na obra “O que resta de Auschwitz” a partir dos escritos de Primo Levi. (AGAMBEN, 2008, p. 62).

Existe, portanto, um ponto em que, apesar de manter a aparência de homem, o homem deixa de ser humano. Esse ponto é o muçulmano, e o campo é, por excelência, o seu lugar. O que significa, porém, para um homem, tornar-se um não-homem? Existe uma humanidade do homem que se possa distinguir e separar da sua humanidade biológica?

A partir dos testemunhos, sobretudo do Primo Levi, um dos sobreviventes de Auschwitz, Agamben retrata o extremo da pertença do muçulmano a máquina biológica do campo de concentração. Há uma negação do sentido de pertencimento à espécie humana, o que leva Primo Levi a se perguntar em sua obra: “É isto um Homem?”

Para Levi, o muçulmano é, antes, o lugar de um experimento, em que a própria moral, a própria humanidade são postas em questão. É uma figura limite de uma espécie particular, em que perdem sentido não só categorias como dignidade e respeito, mas até mesmo a própria ideia de limite ético. (AGAMBEN, 2008, p. 70).

É importante salientar, que o campo de concentração é apenas uma consequência lógica do processo de racionalização técnica e sistêmica da civilização ocidental. Este processo de instrumentalização e coisificação do mundo vivido culmina na condução pastoral da vida biológica no campo.

Esta relação tecnicista abrange também o mundo da política. O estado como dispositivo técnico-administrativo-racional-gerenciador da vida biológica, em última instância, age como máquina antropológica que insere a *zoé*<sup>6</sup> na política, em outras palavras, não mais a pólis, mas o campo se torna o espaço (lócus) por excelência da política.

Na modernidade se tem um campo de concentração e um estado em permanente exceção e articulação biopolítica – gerenciador da vida biológica - na produção de “vida nua”. A partir disso, conclui-se que, em suma, o espaço urbano com toda a sua organização e controle, pode ser visto analisado a partir do paradigma do campo de concentração.

Na visão de Bauman, o estado é consequência da racionalização sistêmica instrumental, assume a noção de jardineiro, já que a razão articulada com a técnica pode buscar formas de harmonizar e ordenar o mundo vivido. Criam-se padrões de beleza assim como de limpeza e o estado, operando como máquina jurídica administrativa se encarrega de pôr em prática as teorias científicas positivistas, culminando em atrocidades como o nazismo e o fascismo. Ambas surgem como consequência histórica do processo científico moderno iniciado no iluminismo.

Para Zygmunt Bauman (1925):

A visão nazista de uma sociedade harmoniosa, ordeira, sem desvios extraía sua legitimidade e atração dessas visões e crenças já arraigadas na mente do público ao longo do século e meio de história pós-iluminista, repleta de propaganda científica e exibição visual da assombrosa potência da tecnologia moderna. Nem a visão nazista nem a comunista destoavam da audaciosa autoconfiança da modernidade; meramente propunham fazer melhor o que os outros poderes modernos sonharam e talvez tenham mesmo tentado e fracassado em realizar [...]. (BAUMAN, 1995. P. 38)

A concepção pós-iluminista, parte do princípio de que este mundo é um caos e deve ser organizado e ordenado pela razão. Esta, por sua vez, assume a condição de possibilitar ao mundo em desordem a harmonia, excluindo tudo o que não se considerava parte dos padrões científicos existentes. A engenharia passa a selecionar pessoas com o devido valor genético para a criação de uma raça pura aos padrões científicos.

O Estado detentor de poder soberano assume a condição de pôr em prática este projeto ambicioso de “substituir os mecanismos incontrolados e espontâneos da sociedade por um plano traçado com monitoria estatal” (BAUMAN, 1995, p.37). No aspecto educacional isto se faz nas escolas, que se apresentam nos tempos atuais algo muito próximo a um campo de concentração de adolescentes para o adestramento humanizador do estado soberano.

---

<sup>6</sup> Segundo Hannah Arent,(1906- 1976)Na Grécia antiga haviam dois conceitos que se referiam à vida: *Bios*: Vida qualificada e inserida no contexto político. *Zoé*: Vida animalesca pertencente ao mundo das necessidade.

Segundo o filósofo francês Michel Foucault (1924-1984), desde a origem do Estado Moderno, vincula-se um princípio de racionalidade político-administrativa com o intuito de governar a vida dos indivíduos e da população, que em última instância, buscou a introdução da economia no exercício político. Ou seja, para o domínio das populações, potencializa-se a vida em sua dimensão biológica.

Nas escolas são postos em prática experimentos científicos para a potencialização da vida, ou seja, para diminuir custos, o Estado - calculista e gerenciador dos corpos – forma os indivíduos para gerar o menor custo – no presente e no futuro – aos cofres públicos, assim como, pela escola se atinge grande parte da sociedade. Este é um dos cominhos percorridos pelo poder soberano para o controle da vida biológica dos indivíduos.

Tal argumentação implica no reconhecimento de que, a partir da modernidade, a biopolítica se desenvolve como técnica de governo em que se coloca em jogo a dimensão biológica dos humanos. Para tanto, é necessário que o Estado fundamente e legitime tais iniciativas através de um conjunto de saberes, denominados por Foucault como saber-poder, responsáveis diretamente pelos modos de vida dos seres humanos, outorgando ao Estado o controle e a administrabilidade da taxa de nascimento, da longevidade e, da morte dos indivíduos e grupos. Em outras palavras, a vida em sua dimensão biológica passa a ser objeto da política como forma de potencialização da própria razão de Estado.

Sendo assim, a escola se torna um instrumento do Estado para o controle da população. Através do domínio e monopólio educacional do estado Soberano, se tem acesso direto à população a ser controlada e administrada. Nessa perspectiva, o gerenciamento da população acontece a partir de políticas educacionais e de mecanismos que possibilitam menores custos possíveis ao Estado, pois este não passa de uma razão política jurídica e administrativa dos corpos.

Neste sentido, a escola pode ser analisada na ótica do campo de concentração, onde se encontram corpos de poucos meses de vida até jovens, adultos e velhos para serem humanizados nos padrões modernos. Assim, o Estado moderno possui o poder e o direito também de desumanizar, ou seja, fazer dos corpos vida nua.

Segundo a descrição presente na obra da filósofa e politóloga Hannah Arent,(1906-1976), mais propriamente: “A Condição Humana”, partindo de princípios aristotélicos, havia entre os gregos uma diferença substancial entre economia e política. A “*oikos*” (casa), somado a “*nómos*” (leis), que dão origem ao termo “*oikonomia*”,situava-se no reino da sobrevivência, das necessidades biológicas, o espaço das relações de produção material, da manutenção da vida em sua pura animalidade. Em outras palavras, a submissão à economia

significa: a conservação da condição de animal, da sobrevivência. A partir de Arendt, tais limites poderiam ser superados através do uso da fala.

Segundo Arendt (1906 – 1976), tais limites poderiam ser superados através do uso da fala, devolvendo a Política ao seu uso comum. Neste sentido, a Política representa a vida qualificada (*bios*), que consiste na participação efetiva das decisões da polis, lembrando que, entre os gregos, a participação da coisa pública era privilégio apenas dos cidadãos, que superavam a mera animalidade, a *zoé*. Ou seja, a superação da necessidade pela afirmação da autonomia da ação.

Na visão de Habermas (1924), a prevalência da racionalidade comunicativa, também mediada pela fala é condição para o consenso. Isto não significa uma mera aceitação passiva, mas uma aceitação racional, dialógica e lógica a partir do discurso e da argumentação. Isto pode ser responsabilidade de um processo educacional que não seja sistematizado, mas sim mediada pela fala, pelo diálogo e possibilite autoconhecimento e realização, criticidade e liberdade, assim como, indivíduos capazes de assumir a sua condição de responsabilidade na e da sua condição existencial.

Foucault, em meados da década de 70, apresenta o conceito de biopolítica como forma de compreender a emergência da vida biológica como objeto político-jurídico e administrativo determinante na modernidade. Por outro lado, mesmo que se considere a argumentação de Hannah Arendt colocar em jogo a forma como a vida foi submetida na modernidade aos desígnios da economia, não se encontra em suas obras o termo em questão.

Para Agamben (1942), a genealogia arqueológica é o método para se compreender as categorias políticas, jurídicas e econômicas da contemporaneidade. É nesta perspectiva, que ele segue sua pesquisa analisando duas dimensões deixadas de lado por Foucault que estão na gênese da civilização ocidental: o Direito e a Teologia. O fundamento ontológico do Direito reside na violência que não é anulada na instauração deste, ao passo que, a violência cria o direito, e a legitima, possibilitando ao Estado o poder de usá-la (violência) como mecanismo de controle, disciplina e ou normatização dos corpos. Isto também na escola.

No processo de humanização pelo Estado as escolas têm papel fundamental na formação de indivíduos dóceis à lógica dos tempos atuais. A violência que o Estado moderno exerce sobre os indivíduos passa quase como que despercebida, pois o processo educacional se torna um meio de adestramento dos indivíduos para a sociedade, pois os faz inertes às questões que os rodeiam. Vivem como os muçulmanos de Auschwitz, tomados pelo Estado como energia para a manutenção e gerenciamento deste.

O que ocorreu nos campos nazistas pode ser compreendido a partir de fatores históricos, pós primeira guerra mundial, que influenciaram na conformação e efetivação destes campos. Mas, sobretudo, para o filósofo italiano Giorgio Agamben, a experiência do campo revela os fundamentos ontológicos da política e das estruturas policiais ocidentais que regem a vida dos indivíduos e da população.

Sob tais pressupostos, o campo ainda permanece no âmago da sociedade ocidental. Em outras palavras, o espaço do campo de concentração representa o paradigma da modernidade, ou seja, ele reaparece com toda força em meados do século XX.

Assim, na perspectiva de Agamben a estrutura originária do Ocidente é uma estrutura jurídico-política e administrativa, que põem, conserva e depõe o Direito por meio da violência legitimada. Sendo assim, é geradora da biopolítica, ou seja, do direito à violência que captura indivíduos e populações produzindo ininterruptamente vida nua, deixando-a no limiar, entre o humano e o animal, tornando-a *sacer*, submetida ao poder soberano que decide sobre a vida e a morte, à condição de sobrevivente. Esta estrutura permite o reconhecimento do limiar da condição humana, da fragilidade, de uma inclusão exclusiva. A escola tem papel preponderante nesta relação.

A potencialização da vida, ou seja, o fazer viver e deixar morrer é uma premissa substancialmente necessária para a manutenção do sistema hegemônico, o que demonstra que é no seio das democracias contemporâneas, que se manifestaram experiências totalitárias. Assim, o ser humano moderno está submisso ao campo de concentração como símbolo do aniquilamento das vidas indignas de serem vividas, legitimadas pelo sistema político vigente.

Certamente a educação não deve deixar de levar em conta toda sua história. Entre os gregos a relação entre mestre e discípulo se dava na busca pelo auto conhecimento. Sócrates (séc. III a.C.) assume a postura daquele que “sabe que nada sabe”, ao responder a pergunta de Sibila no templo da Apolo. Esta humildade que apresenta Sócrates supera o egocentrismo e superioridade da postura dos sofistas. Esta relação socrática pode ser uma possibilidade para pensar a educação nos tempos atuais na busca pelo que é essencial diante de uma ciência que se apresenta subdividida em milhares de esferas e a consciência da própria ignorância como base para a construção do conhecimento, autoafirmação e autonomia.

Sócrates, utilizando o método da maiêutica – ou seja, tirar de dentro, como o parto de uma criança – buscava a verdade, formular conceitos e não meras opiniões. Nesta perspectiva, o filósofo antigo suscitava em seus discípulos a dúvida e os fazia pensar a partir do seu tempo, a própria existência e a *polis*. Por amor ao conhecimento Sócrates foi condenado à morte. Acusado de desrespeitar os deuses e corromper a juventude, o filósofo não se defendeu por

considerar sua defesa uma forma de aceitar a acusação e como consequência teria, no seu ponto de vista, que parar de filosofar.

Qual lição se tira deste contexto para os tempos hodiernos? Certamente nem todos os mestres morreriam por defender sua causa. Mas, a forma de ensinar de Sócrates perpassa a história da filosofia e pode ser aplicada. A filosofia socrática é voltada a questões humanas: Comportamentos, ideias, crenças, valores, assim como questões morais e políticas. São assuntos contemporâneos.

A educação em Sócrates, pautada na amizade e baseada no diálogo levava ao conhecimento e ao autoconhecimento. A máxima socrática do “conhece-te a ti mesmo” pressupõe o autoconhecimento para fazer conhecer, ou seja, é preciso o mestre se conhecer para poder ensinar o autoconhecimento. Essa era a estratégia socrática. A confiança na possibilidade do conhecimento era o ponto de partida filosófico de Sócrates que levava à reflexão, ou seja, a voltar o pensamento sobre o próprio pensamento.

### **Considerações finais**

Portanto, é nítido que a modernidade social se caracteriza por complexos de ação autonomizados - estado e a economia - que escapam crescentemente ao controle consciente dos indivíduos, através de dinamismos econômicos e transindividuais, na essência, o processo da burocratização.

Este processo de racionalização perpassa também a dimensão religiosa que se apresenta na modernidade desmitificada, ou seja, desencantada e secularizada, como analisado por Max Weber (1864 – 1920). É interessante notar a obrigatoriedade da racionalização religiosa para a salvação, ou seja, para que possa existir salvação, deve-se haver uma racionalização e uma desmistificação da religião, sendo que esta está inserida num mundo de constantes transformações.

Os sistemas educacionais se desenvolvem na perspectiva da mera transmissão de conhecimento e de técnicas de uso, produção e comportamentos para satisfazer as necessidades do mercado, sendo que, esta também se torna mercadoria e precisa fazer girar um sistema de mercado que assume a condição de ser, ou seja, passa a dominar as demais esferas do mundo da vida e interferir diretamente nas relações pessoais e sociais.

Habermas (1929) representa a modernidade crítica e, por isso, denuncia os “mecanismos de poder inerentes à modernidade social”. Ele faz essa crítica a partir da Razão Comunicativa, liberada pela modernidade cultural e soterrada pela dinâmica social. Para ele, a modernidade é um projeto incompleto. Não se trata de negar a modernidade, mas de

completar esse projeto, realizando através de um novo paradigma, o da racionalidade comunicativa, as virtudes emancipatórias contidas no projeto iluminista.

Para Habermas (1929), o ato de falar constitui uma categoria autêntica de significado, “ao falar as pessoas exprimem suas intenções, além de incorrer a obrigações sociais e de transmitir informações sobre o mundo”, (INGRAM, 1952, p. 63). Os efeitos, segundo Ingram, dessas “expressões de intenção” servem para condenar estrategicamente a ação e o principal meio de cooperação (sobre esta ação), que para Habermas é a razão comunicativa, esta mediada pela linguagem.

Na modernidade como resultado da ação instrumentalizante da racionalidade, se tem o Estado Soberano que assume a vida biológica dos indivíduos gerenciando-os e controlando-os num processo de adestramento humanizador. Dito de outra forma, O Estado como razão política jurídica e administrativa interfere diretamente no mundo da vida e assume a condição de fazer viver e deixar morrer, numa perspectiva foucaultiana.

Com isso as escolas exercem papel fundamental no adestramento. Os indivíduos são postos nestes espaços para serem humanizados pelo Estado que, reveste de poder os educadores. Na visão de Agamben, este ao passo que torna os indivíduos humanos através do direito, pode também, pautado no direito, destituir desta condição e torná-los vida nua, vida sem sentido, passível de morte sem que seu algoz seja responsabilizado por tal ato.

Na práxis filosófica não se tem a pretensão de indicar receitas, ou seja, dizer o que se deve fazer para solucionar os problemas, mas sim apontar saídas, já que cada situação é única e necessita que os indivíduos envolvidos deixem a condição de meros espectadores e assumam a condição de protagonistas das suas relações.

Com o indicativo de Sócrates, consciente da possibilidade de explorar mais o que seus discípulos escreveram sobre suas reflexões – por ser campo vasto de pensamentos- se buscou apontar uma forma de relação entre professor e aluno, mestre e discípulo. Certamente Sócrates foi um pensador de seu tempo e refletiu sobre o que angustiava a sua época, resta-nos refletir sobre o nosso tempo e o que nos angustia, seja no campo educacional ou outros em que estamos inseridos.

## **REFERÊNCIAS**

AGAMBEN. G. Estado de Exceção. Tradução de Iraci D. Poleti. São Paulo:Boitempo, 2004

\_\_\_\_\_. Homo Sacer: O poder Soberano e a Vida Nua. Tradução: Henrique Burigo. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

- \_\_\_\_\_. O que Resta de Auschwitz. Tradução: Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2008.
- ARENT, H. A condição Humana. Tradução de Roberto Raposo; posfácio de Celso Lafer. 9 ed. Rio de Janeiro:Forense Universitária, 1999.
- BAUMAN, Z. O mal-estar da pós-modernidade. Tradução: Mauro Gama e Claudia Martinelli Gama; revisão técnica: Luis Carlos Fridmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- BRÜSEKE, F. J.A Modernidade Técnica. In: Bruseke, Modernidade Crítica e Modernidade Acrítica. Florianópolis: Cidade Futura, 2001.
- FREITAG, B.; ROUANET, S..P. FERNANDES, F. Habermas: Sociologia. São Paulo: Ática, 1980.
- FREITAG, B.Dialogando com Jürgen Habermas. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 2005.
- FREITAG, B.A Teoria Crítica ontem e Hoje. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- GALEAZZI, U.A Escola de Frankfurt. In: Galeazzi, História da Filosofia Contemporânea do século XIX à Neoescolástica. São Paulo: Loyola, 1999.
- HABERMAS, J. Consciência Moral e Agir Comunicativo. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.
- \_\_\_\_\_.Teoria de La Action Comunicativa. Madrid: Altea, Taurus, Alfaguara, S.A. vol I e II. 1987.
- \_\_\_\_\_.O Discurso Filosófico da Modernidade. 2. ed. Lisboa: Martins Fontes, 1998.
- INGRAM, D. Habermas e a Dialética da Razão. Brasília: Edunb, 1993. ROUANET,S.P.As Razões do Iluminismo. 2. reimp. São Paulo, Schwarcz,1989.
- RIBEIRO, C. E. Dissertação de mestrado na área de Filosofia Social e Política apresentado na Universidade Federal de Santa Catarina, 2003.
- OLIVEIRA, M. A. de. A Filosofia na Crise da Modernidade. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2001.
- PIERUCCI, A F. Secularização em Max Weber: Da Contemporânea Serventia de voltarmos a acessar aquele Velho Sentido. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v.13, n.37, p.43-73, jun. 1998.
- SELL, C. E. Sociologia Clássica.3. ed. Itajaí, 2004.